

## CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO DA PUCRS (ESPECIALIZAÇÃO)

### Instituto de Letras e Artes

- Literatura Brasileira
  - \* Aprovado pelo COCEP - Parecer nº08/90 de 11/01/90
  - Duração: 360 horas/aula
  - Coordenação: Regina Zilberman
  
  - Literatura Infantil
  - \* Aprovado pelo COCEP - Parecer nº19/90 de 28/06/90
  - Duração: 360 horas/aula
  - Coordenação: Regina Zilberman
- Informações: ILA - Fone (051) 339.1511 - ramal 3176

## AINDA E SEMPRE OS PRECURSORES: BOUTERWEK, SISMONDI E DENIS

TÂNIA REGINA OLIVEIRA RAMOS  
UFSC

Ao pensar sobre as literaturas de nossos fundadores penso nos primeiros trabalhos historiográficos e nas primeiras idéias sobre a literatura produzida no Brasil, no período colonial, que não só servem de paradigma para um discurso histórico fundador, mas valem pelo que definem como literatura e como história.

Sabemos que a literatura concretiza as suas funções e vigências na própria vida social e histórica que lhe dá origem. Os textos por onde andei são exatamente aqueles que registraram pela primeira vez a produção literária brasileira e o que eu pretendo mostrar é como, através destes discursos fundadores de uma história da história da literatura, a literatura brasileira não pode ser mostrada apenas como um objeto estético, mas também como uma forma de transgressão a um olhar acomodado, lendo pela diferença ou pela semelhança esta doação instituída pelo próprio colonizador.

Ao se recuperar (e porque não dizer recapitular) estes textos fundadores, escritos por Friedrich Bouterwek, Simonde de Sismondi e Ferdinand Denis, remetemo-nos à busca da origem ou à sua possibilidade. Fundação significa soerguimento, consolidação, aprofundamento, inauguralidade da história/discurso. Os textos que trago são exatamente aqueles que se anteciparam à história da literatura *no* Brasil (e grifo este *no*) e fundamentaram as primeiras abordagens sobre a formação da literatura brasileira, sobre a consciência nacional, contribuindo desta forma para a compreensão do romantismo brasileiro.

Ao estabelecer esta relação tenho que dizer que, quando se fala em romantismo, em nacionalismo, precisamos, sempre e antes, fazer algumas inferências, relacionadas à ambigüidade da linguagem. Há dois conceitos definindo de forma diferente o que se chama de literatura nacional. Um deles veio dos cronistas visitantes ou viajantes que falavam sobre as belezas e o exotismo da terra para promover a colonização portuguesa. Começou no século XVI, continuou no século XVII e foi transformado a partir daí em ideologia ufanista. Há outro, no qual inscrevo Ferdinand Denis como precursor, que se pode chamar de autoconsciência da cultura brasileira e autoconsciência da memória nacional. Denis é, como exemplo, alguém que teve consciência da nossa situação de Brasil dependente e a sua

diferença vai estar nesta forma de pensar a realidade: uma maneira não ufanista, mas crítica. É na linha de um pensamento que buscava sempre a originalidade, como o de Denis, que se pode ler ainda hoje textos ímpares como os sermões de Vieira, os poemas de Gregório de Matos, a poesia de Augusto dos Anjos, o nacionalismo de Machado de Assis, o antropofagismo de Oswald de Andrade, a formação da literatura brasileira de Antonio Candido, o pensamento crítico de Roberto Schwarz, de Silviano Santiago e tantos outros que poderiam fazer parte desta mesma tradição ou desta traição a um ufanismo nacionalista, nem sempre salutar.

Para estabelecermos, no entanto, esta relação com a contemporaneidade, precisamos antes entender que foram os precursores da nossa historiografia quem começaram a pesquisar os valores de nossa cultura como expressão estética da nação ou como um todo em relação ao seu devir, e procuraram, ainda que incipientemente, entender como esta luta pela diferenciação (contrapondo-se à integração setecentista) poderia se transformar em arte, em lirismo genuíno, em história, em uma maneira nacional de sentir e de se expressar.

Ao lado desta contribuição já reconhecida por historiadores e críticos que nos procederam, a preocupação deste olhar europeu, em linhas gerais, parece ser, antes de tudo, circunscrever, de uma vez por todas, a produção literária produzida em uma determinada época, em um mesmo espaço estético, lingüístico, geográfico e cultural. Particularizando, podemos dizer que, para a compreensão de como alguns nomes, poucas obras e restritos critérios foram se dando a conhecer, é preciso ficar atento, especialmente na nossa prática literária e ensino, para não perdermos de vista o modo como determinados posicionamentos deste olhar do outro sobre a produção literária brasileira foi se inscrevendo (ou escrevendo) como devir, e de que forma este outro também começou a fazer parte da história da literatura no Brasil através de propostas explícitas de fortificar a consciência nacional.

Assim, ao enfatizar este lugar de onde Bouterwek, Sismondi e Denis falam, confirmo que a noção de literatura e de história são relativas à episteme de uma sociedade e de uma cultura em um momento preciso de sua história. Friedrich Bouterwek, cronologicamente o primeiro, é considerado um dos precursores da historiografia literária brasileira. Foi ele que, em sua obra *História da Poesia e da Eloquência Portuguesa*, de 1805, inclui pela primeira vez a obra de dois escritores brasileiros: Cláudio Manuel da Costa e Antônio José da Silva, o Judeu. Como Bouterwek estuda a literatura portuguesa, ele integra os escritores brasileiros a esta produção e vai justamente chamar a atenção para a falta de originalidade da obra teatral de o Judeu e a influência da literatura italiana sobre Cláudio Manuel da Costa. Ao estabelecer esta relação está explicitando, enquanto pesquisador da literatura europeia, os problemas que geram as explícitas e reconheci-

das influências de segundo grau; e como elas fragilizavam a produção integrada ainda ao patrimônio literário das colônias portuguesas, seja o Brasil, seja a Ilha da Madeira. É importante avaliar que mesmo reconhecendo a situação política das colônias, os seus critérios de seleção e de análise foram estilísticos, o recorte foi cartográfico, e não houve qualquer preocupação com o contexto geográfico ou histórico no qual estas obras estavam inseridas.

Mesmo admitindo a fragilidade da abordagem sobre o Brasil na história da poesia portuguesa proposta por Bouterwek, há que se reconhecer um centro que norteou o seu olhar: a Europa como matriz cultural e como origem. Para um efetivo reconhecimento desta literatura colonial, ele precisou ler negando a diferença: a literatura brasileira é uma literatura ruim porque foi influenciada, é ruim porque não conseguiu ser original...

Cinco anos após a publicação da obra de Bouterwek, o suíço Simonde de Sismondi escreve *A Literatura do meio-dia da Europa*. A sua obra acrescenta não apenas mais um poeta brasileiro, mas também uma certa contextualização histórica da colônia portuguesa na América. Este historiador vislumbra um futuro promissor para o Brasil, que estava a crescer para além mares... Procurando mostrar a produção literária desta colônia que promete culturalmente, ele cita os mesmos autores arrolados pelo pesquisador alemão, mas acrescenta o nome do poeta Silva Alvarenga. Se em relação ao texto de Cláudio Manuel da Costa a sua abordagem coincide com a do seu antecessor, o mesmo não vai acontecer com a leitura que faz da obra teatral de o Judeu. Bouterwek fez uma abordagem formal, Sismondi dá prioridade à análise contextual, reconhecendo especialmente o que o outro não via: a originalidade e o caráter popular das peças. Lamenta inclusive a interrupção de uma obra emergente para a história do teatro, resultante do falecimento do dramaturgo brasileiro pela Inquisição em 1745. Na sua leitura entram não só referências biográficas como esta, mas influências textuais, elementos contextuais e, sem muito alarde, o critério da diferença.

Reconhece-se que a contribuição maior do historiador suíço se dá pela descoberta do caráter popular da obra de o Judeu e pela inclusão de Silva Alvarenga através das marcas diferenciais que percebe nos seus rôn-dós. Além do erotismo nas figuras e nas imagens relacionadas à Glauro, chama a atenção pela primeira vez para o uso bem colocado da "cor local" – *as árvores, as borboletas e as serpentes da América*, enquanto elemento descritivo, o que vai ser uma constante nos discursos, bosquejos, florilégios, antologias, compêndios até as teorizações acerca do universal propostas pelo instinto de nacionalidade de Machado de Assis. É mesmo em Sismondi que aparece, pela primeira vez, a sugestão da importância do uso de imagens americanas nos textos literários, o que vai ser a pedra de



toque para a afirmação da literatura brasileira, proposta por Ferdinand Denis, e assumida pela maioria dos críticos e escritores românticos.

Desta forma, mesmo que tenha sido pela revisão ou pela recapitulação de conhecimentos que já tínhamos sobre eles, se confere que Ferdinand Denis não foi o único estrangeiro a escrever as *primeiras notícias* sobre a literatura produzida por autores nascidos no Brasil. Sua obra, no entanto, alcança maior importância do que a dos dois antecessores europeus, porque as suas considerações gerais, enquanto proposta histórica, superam em muito o levantamento e as análises feitas por Bouterwek e Sismondí. Pelas suas avaliações entram questões de fundo e de forma, de mensagem e de código, articuladas com o conhecimento adquirido pela vivência e pela experiência, condição essencial para uma pesquisa *in loco*, somadas ao sempre proveitoso olhar de viajante e, por que não, pelo olhar de quem também, e tão bem, soube aproveitar o estar ali e agora.

Quando no seu livro *Resumo de História Literária*, escrito em 1826, reserva um capítulo ao Brasil: "*Considerações gerais sobre o caráter que a poesia deve assumir no Novo Mundo*", ele não se limita apenas a citar, explicar e justificar obras e autores, mas usando a primeira pessoa do singular – "*Não temo dizê-lo*", analisa o caráter do homem brasileiro, miscigenizado e influenciado pela natureza dos trópicos, e tenta mostrar da mesma perspectiva da literatura dos legítimos descobridores, que aqui estava o paraíso perdido pela civilização européia. A diferença se faz por descrever e anunciar não mais a terra mas a natureza americana, a cultura indígena, a modinha popular e as nossas possibilidades literárias. Denis propõe desde o início um programa para a literatura brasileira, cujo princípio seria rejeitar fábulas e mitologias (numa alusão, quem sabe, aos seus quase contemporâneos jovens arcades), elementos que não se harmonizavam nem com o clima, nem com a natureza, nem com as tradições da gente brasileira. É uma positividade escrita pela negação de outra ainda vigente:

"O Brasil que sentiu a necessidade de adotar instituições diferentes das que lhe havia imposto a Europa, o Brasil experimenta já a necessidade de ir beber inspirações poéticas a uma fonte que verdadeiramente lhe pertença; e, na sua glória nascente, cedo nos dará as obras-primas desse primeiro entusiasmo que atesta a juventude de um povo".

Além do dever promissor, que passa pelas categorias do nacionalismo emergente, Ferdinand Denis, como a maioria dos estudiosos europeus do século XIX, acreditava ainda que o clima influenciava o espírito do homem e, por esta razão, naturalmente, o brasileiro teria condições de se mostrar original especialmente pela sua inclinação à poesia e a uma genialidade inata proporcionada pela própria natureza, que substitua qualquer necessidade de uma erudição formal. Concebendo o povo como nação, ele

dizia também que o homem brasileiro era a síntese das raças africana, européia e indígena e delas assimilou as seguintes qualidades: a paixão e o arrebatamento dos africanos, a postura cavalheiresca dos europeus e o espírito sonhador dos indígenas, e desta mistura racial surgiria não só uma grande nação, mas um homem diferente porque novo:

"O americano ouve com melancolia, uma tristeza imensa lhe trans-luz no olhar; se fala, é em voz baixa, com um acento lastimoso nas palavras; raramente se anima, retendo a energia no fundo da alma, que é toda pela independência, pela liberdade que reina nas florestas."

Melancolia e tristeza no olhar, tom lastimoso na fala baixa, introspecção e desânimo... Parece-nos hoje que Ferdinand Denis não estava falando do Brasil nesta América que ele descrevia. A fragilidade que se pode perceber nestes argumentos ou nos pressupostos científicos e sociológicos, de que ele se vale, perde a razão de ser, quando se confirma como suas idéias contribuíram efetivamente para a compreensão do romantismo brasileiro. Neste contexto americano, Denis reconheceu a existência de autores e obras, que já anunciavam o nascimento da literatura brasileira.

Para os românticos, que o procederam e que tanto tinham o compromisso de fazer a produção literária e a história desta produção, porque as histórias e os discursos apareciam em paralelo às obras, Denis ofereceu, em seu resumo literário, uma proposta de teoria da literatura brasileira que norteou o seu desenvolvimento e os rumos que poderiam tomar as produções estéticas (incluindo o teatro, as artes, a música), como ainda assegurou a existência do objeto de que os seus contemporâneos necessitavam para a criação de uma crítica literária romântica. Em síntese, é inegável a sua contribuição para a fundação de uma história da literatura no Brasil e para a fundação de uma cultura nacional diferente da literatura portuguesa e francesa, da qual ele era tão próximo.

Este francês, resgatado por Guilhermino Cesar em *Historiadores e Críticos do Romantismo*, reconhecido por Antonio Candido na *Formação da Literatura Brasileira*, como aquele que, com sua teoria da literatura brasileira, projetou todo o desenvolvimento da nossa literatura, tão bem compreendido e analisado por Maria Helena Rouanet em seu *Eternamente em Berço Esplêndido*, e cuja teoria indianista também foi explicada no *Estilo Tropical* de Roberto Ventura, meus contemporâneos, foi responsável pela publicação no seu país, em 1821, da Carta de Pero Vaz de Caminha e foi ele quem deu, desta vez ao meu conterrâneo Vitor Meireles, todas as informações para que pintasse a sua primeira missa. Estes detalhes, que tomo aqui apenas como indicadores de uma forma de se ser agente cultural no século XIX, mostram-no como um intelectual que sai da esfera da teoria para a ação, o que dá a ele a autoridade e o mérito de efetivamente ser um dos precursores de nossa formação. Esta autoridade não só diz res-



peito ao seu olhar de europeu, ou à sua capacidade de perceber se o Brasil possuía uma originalidade específica e uma língua que se diferenciava do português de Portugal, mas autoridade de quem não ignorou ou desconheceu a realidade de nossa dependência cultural. Ele não negava e partia do princípio mesmo da nossa dependência em relação aos portugueses, pela situação de colônia, e reconhecia igualmente as mudanças contextuais provocadas pela vinda da Corte e seus costumes franceses:

"Contudo, é preciso convir em que Portugal foi menos rigoroso sem tais medidas do que os países limítrofes, e que o antigo governo, transferindo a sua sede para o Rio de Janeiro, levou-lhe também o gosto das ciências e das artes, e facilitou mesmo a sua cultura; o Brasil deixou então de ser colônia; o odioso sistema caía por si mesmo: alguns anos mais tarde, os brasileiros viriam a destruí-lo por completo."

Parece então que nos é possível ratificar ainda uma vez que a literatura era o lugar privilegiado para a discussão da nacionalidade e de uma possível independência cultural e que a partir de Ferdinand Denis há um programa definido: a desejo de criação de uma literatura própria. Uma literatura da qual fariam parte obras e autores, mas muito mais critérios históricos e teóricos de seleção e de inclusão, enquanto formadores de uma consciência nacional.

Como não havia oposição entre o velho e o novo, era muito mais interessante para as suas teses o estudo de obras recentes como o *Caramuru*, de Santa Rita Durão, o *Uruguai*, de Basílio da Gama e *Marília de Dirceu*, de Tomás Antônio Gonzaga. Denis ressalta principalmente o caráter nacional como o mérito maior do primeiro, através dos costumes indígenas descritos pelo poeta, elegendo este poema como o paradigma da literatura brasileira. Interessante que ele não dispensa a crítica, perfeitamente harmonizada com seus critérios de valoração: não lhe agradavam tematicamente as descrições de canibalismo, nem esteticamente o estilo camoniano do texto.

O que eu percebi nesta releitura, neste comentário ou nesta interpretação é que Ferdinand Denis parecia intuir o que Paul Veyne, exatamente um século e meio depois concluiria: *ter conceitos é conceber as coisas*. Por exemplo: não se percebe com clareza os critérios e as concepções estéticas de que ele se valia para examinar os textos e os incluir nos seus resumos de história literária, nem mesmo se ele fazia distinção entre uma concepção histórica e uma concepção crítica. No entanto, fica claro que Denis sabia que o conhecimento da cultura brasileira deveria ainda ser descritivo e que ele não precisava de muitos princípios explicativos, mas de palavras para escrever como poderiam ser as coisas naquele tempo. E se mais tarde se pode dizer que José de Alencar vai estabelecer estratégias de leitura, para que na sua obra não se enxergasse cópia nem imitação, De-

nis tem o cuidado de estabelecer estratégias de escritura nos pressupostos de suas considerações: copiar sim, mas copiar do "livro da natureza americana"...

Tendo, então, a liberdade de recortar a história e a literatura do Brasil a seu modo e motivado pelo desejo da ação, Denis é mais receptivo a obras como o *Uruguai*. Nesta perspectiva de ver a realidade nacionalmente, ele confirma o que havia enfatizado na sua introdução, que há uma certa interação entre a necessidade de uma expressão nacional, enfatizada pela independência e suas projeções ideológicas, com a visão mitológica da terra. A partir de uma interpretação do poema, Denis elogia não só a habilidade poética de Basílio da Gama, como também a sua coragem de atacar as ambições colonizadoras da Companhia de Jesus.

Já em relação a *Marília de Dirceu* oscila entre o elogio à autenticidade dos sentimentos, comprovada pela história da vida de Tomás Antônio Gonzaga e à crítica menos condescendente ao uso da mitologia e à imitação de formas da poesia pastoril, o que, segundo ele, não combinava com a poesia brasileira. Cláudio Manuel da Costa, tal como havia acontecido nas histórias de Bouterwek e Sismondi, é censurado pela sua submissão à poesia européia, sobretudo à literatura italiana. Denis cita ainda o escritor português Diniz da Cruz e Silva, autor de *Metamorfozes do Brasil*, que narra a origem da rosa silvestre através de um mito indígena e Souza Caldas, que produziu a *Ode ao homem selvagem*.

Com estes nomes e critérios, Denis parece incorporar a nossa moderna concepção de "variações em torno do mesmo tema" ao escrever sobre o caráter que a poesia deve assumir no Novo Mundo. Mas, enquanto concepção historiográfica e crítica, ele pode ser mesmo lido como alguém que sabia que um projeto só se efetiva pela capacidade de se misturar, juntar, conciliar e, até mesmo, excluir.

Eu me propus para este aqui e este agora repensar sobre estes textos que marcaram, demarcaram e remarcaram origens e confirmar que a história da literatura, a partir de Bouterwek, Sismondi e Denis, pode se mostrar como uma prática discursiva e não apenas como registros de nomes, de obras passadas. Nas suas abordagens históricas, não mais que dez nomes e dez obras foram citadas ou analisadas, segundo pressupostos possíveis, ou segundo atitudes descritivas e valorativas. Isto permite constatar que, até Denis, não há a constituição de um espaço hierarquizado, nem mesmo a ordem canônica de autores e obras, ainda que tenham passados por eles alguns textos com lugares definidos e que estavam circulando em determinado espaço e tempo, com historicidade própria. Tanto é que Cláudio Manuel da Costa foi denominador comum para ser negado enquanto escritor português ou brasileiro, porque estilisticamente imitava a literatura italiana...



Na impossibilidade de darem conta de uma tradição ou de um corpus canônico, na dificuldade de reconhecerem que as influências poderiam se dar menos de um autor sobre o outro, menos de um país sobre o outro, mas como índice ou signo de uma integração de temas, estilos e preocupações estéticas e ideológicas, no processo de uma literatura, como estas histórias precursoras, fundadas sobre a noção de um devir comum e orientado, poderiam nos responder uma questão sempre colocada: onde estaria mesmo a origem da literatura brasileira?

Parece que elas, as histórias propostas pelos precursores, nos dizem que não está em nomes, mas nas suas próprias propostas teóricas e nas tomadas de consciência crítica de si como história literária e como literatura. Paralela a elas, a origem pode estar na aspiração romântica de se buscar aqueles que por falarem de índios, dos homens, da natureza, da América e do Brasil estariam construindo, através de seus discursos, um sistema articulado com a literatura portuguesa (ou europeia), mas que, por outro lado, estariam elaborando desde a Carta de Pero Vaz de Caminha, uma história da literatura brasileira.

Não podemos deixar de reconhecer, seja nas idéias lançadas pelos dois precursores, seja após as considerações bem mais racionais de Denis, uma certa ingenuidade nas práticas literárias daquela época; mas também não se pode deixar de afirmar que, mesmo com um fazer limitado pela nossa condição de país colônia, se atingiu um espaço teórico conceitual conscientizador. O *Discurso* de Gonçalves de Magalhães é uma evidência.

Por isto quisemos afastar a perspectiva ufanista destes historiadores, por mais que eles tenham falado de Mundo Novo, de belezas naturais, de futuro, de promessas, de viabilidades e de recusas. Posso reafirmar que esta consciência ingênua e idealizante, mesmo querendo transplantar para cá o movimento romântico europeu, criou uma poética própria, valores e mitos específicos e se valeu de processos idealizantes para ver a realidade e para vê-la nacionalmente. Digo mais: não há como não se ler o Brasil na literatura romântica, o que permite concordar com Denis que acreditava ser possível transformar modelos, mesmo aqueles trazidos ou mandados pela matriz, mas para isso, precisávamos buscar um real aqui dentro, colocando o homem brasileiro como um autônomo, como um africano, como um indígena ou até – por que não?, como um europeu aculturado.

Não foi nossa intenção apagar estigmas negativos da alteridade e nem mesmo é nosso desejo fortificar a positividade do centro. Mas o fato dos precursores da história da literatura no Brasil não serem portugueses, mas serem europeus (Alemanha, Suíça e França), permite que se ratifique mais uma vez que a história de nossa formação só pode ser concebida mesmo por esta relação em oposição: o mesmo e o outro, por dentro e por fora, de dentro e de fora. Ou melhor: o caminho da nossa independência cultural da Europa passa pela própria Europa que, queiramos ou não, exis-

te, e não poderia deixar de existir, em nós mesmos. Não quero me desviar para o exagero na ênfase da contribuição dos precursores europeus, mas quero reconhecer o vigor deste olhar, pois só a forma de ler pelas diferenças e pelas possíveis intenções destes discursos fundadores permite apreender (ou aprender) traços definidores da ideologia da cultura brasileira.

Por isto recupero uma idéia que apresentei no início e que antecede a leitura que faço de Ferdinand Denis: quando se fala em romantismo, em nacionalismo, precisamos fazer uma reflexão sobre os dois conceitos que definem as questões relacionadas à literatura nacional. Um deles veio dos cronistas viajantes que cantavam as belezas da terra para promover a empresa colonizadora lusa e há outro, o dos fundadores da história da literatura no Brasil, e aqui entrariam Santiago Nunes Ribeiro e Joaquim Norberto, entre os mais significativos, que se pode chamar de autoconsciência crítica da cultura brasileira ou autoconsciência da memória nacional.

Compartilho de uma mesa com Regina Zilberman, que tão bem explicou em seu texto: "Uma Imagem para o Brasil: natureza, lucro e paraíso", a ética de Ferdinand Denis, retirando das suas idéias *a mudança substantiva no modo de encarar e compreender o espaço, o que permitiu que a natureza deixasse de ser o penhor da conquista da ocupação para ser mesmo a garantia da identidade nacional*; e compartilho igualmente com Marisa Lajolo, que nos demonstrou em seu ensaio "Literatura e História da Literatura: senhoras muito intrigantes", que *a aliança entre a literatura e a história data da formação das modernas nacionalidades europeias, não por acaso contemporâneas dos primeiros grandes projetos da historiografia literária e que forneceram o pressuposto necessário para as histórias das literaturas nacionais*.

O fato de estar chegando tarde não em um grupo de trabalho, mas em um grupo que trabalha, não impede que eu conclua dizendo que a história da literatura no Brasil, em quantos GTs houverem, deve ser acompanhada por este desejo de compreensão e revisão do século XIX, mesmo que nos repitamos. A história da literatura tem também a sua história. Fundando a fundação, não colocamos apenas em destaque a historiografia literária, a poética nacionalista do romantismo ou a problemática da (im)possibilidade da origem. Percorremos mesmo o nosso mapa conceitual e crítico e nos integramos na autoconsciência da cultura brasileira.

## Bibliografia

- BOUTERWEK, Friedrich. "Friedrich Bouterwek: Antônio José e Cláudio Manuel da Costa". In *Historiadores e Críticos do Romantismo*. Seleção e apresentação de Guilherme Cesar. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos; EDUSP, 1978, p. 5-20.
- CANDIDO, Antonio. *Formação da Literatura Brasileira (Momentos Decisivos)*. Editora da Universidade de São Paulo; Minas Gerais: Editora Itatiaia Limitada, 1<sup>o</sup> volume, 5<sup>a</sup> edição, 1975.
- CESAR, Guilhermino (seleção e apresentação). *Historiadores e Críticos do Romantismo*. 1. A Contribuição Européia: crítica e história literária. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1978.
- DENIS, Ferdinand. *Resumo da História Literária no Brasil*. Porto Alegre: Livraria Lima, 1968.
- LAJOLO, Marisa. "Literatura e história da literatura: senhoras muito intrigantes". In: MALLARD, Letícia et al. *História da Literatura: Ensaio*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1994, p. 19-36.
- RAMOS, Tânia Regina Oliveira. *A Sistematização Histórica e Crítica da Literatura Brasileira no Século XIX*. Dissertação de Mestrado. PUC, Rio de Janeiro, 1979. Orientador: Prof. Dr. Gilberto Mendonça Telles.
- ROUANET, Maria Helena. *Eternamente em Berço Esplêndido*. São Paulo: Siciliano, 1991.
- SISMONDI, Simonde de. "De la littérature du midi de l'Europe". In: *Historiadores e Críticos do Romantismo*. 1. A Contribuição Européia: crítica e história literária. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1978.
- VENTURA, Roberto. *Estilo Tropical*. História Cultural e Polêmicas Literárias no Brasil. SP: Companhia das Letras, 1991. VEYNE, Paul. "Os Conceitos em História".
- SILVA, Maria Beatriz Nizza da (Org.). *Teoria da História*. São Paulo: Cultrix, 1976, p. 120-134.
- WEBER, João Hernesto. *Teoria da Literatura Brasileira e o instinto de nacionalidade: O paraíso está no fim?* Tese de Doutorado. UFRGS, 1994. Orientadora: Profa. Dra. Maria do Carmo Campos.
- ZILBERMAN, Regina. "Uma imagem para o Brasil: natureza, lucro e paraíso". In: *Brasil/Brazil* n<sup>o</sup> 9. Ano 6. 1993. Porto Alegre: Mercado Aberto; EUA: Brown University.